

## CORREIO ECONÔMICO



Rafa Neddermeyer Agência Brasil

Maior disponibilidade de crédito foi decisiva ao setor

## Crédito garante alta de 14,15% na venda de veículos novos

A maior oferta de crédito, mediante a aprovação do Marco Legal das Garantias, foi o fator determinante para alavancar as vendas de veículos novos – automóveis, comerciais leves, ônibus e caminhões – em 2024, que subiram 14,15%, no comparativo anual.

A afirmação é do novo presidente da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores

(Fenabreve), Arcelio Alves dos Santos Júnior, ao expor o balanço do setor.

Ao admitir que o desempenho do setor também foi influenciado pela alta do PIB e do agronegócio, Santos Júnior comentou que “com certeza, a aprovação do Marco Legal das Garantias foi um fator superimportante, porque volta na questão do crédito, que é fundamental ao nosso setor”.

### Avanço

Conforme o balanço da Fenabreve, em 2024, mais de 2,6 milhões de unidades de veículos novos foram vendidos. Levando em conta apenas automóveis e comerciais leves (picapes e furgões) a alta foi de 14,02%, ante 2023, com o emplacamento de 2.484.740 unidades.

### Desaceleração

Em contraponto, a federação projeta ‘desaceleração’ da atividade, devido à elevação da taxa básica de juros (Selic) pelo BC, com a perspectiva de vendas de automóveis, comerciais leves, ônibus e caminhões, ‘encolhendo’ para 5%, e de 7%, para a venda total de veículos.



Agência de Notícias da Indústria

Corrente de comércio via marítima foi positiva em 2024

## Corrente de comércio marítima atinge US\$ 492,5 bi em 2024

A corrente de comércio brasileira, via marítima, totalizou no ano passado US\$ 492,5 bilhões, o que corresponde a uma alta de 2,24%, no comparativo anual, aponta a Associação de Terminais Portuários Privados (ATP). Em contraponto, a balança comercial brasileira via marítima recuo 12,9%, no mesmo período.

A corrente comercial é a soma de exportações com importações e a balança comercial, a diferença entre vendas e compras externas.

Estudo da Coordenação de Pesquisas e Desenvolvimento da ATP aponta que os portos brasileiros responderam por 97,2% do volume total do comércio exterior.

### Protagonismo

O presidente da ATP, Murillo Barbosa avalia que “para sustentar esse protagonismo, investimentos contínuos em infraestrutura e eficiência serão cruciais, garantindo que o Brasil mantenha sua competitividade e explore novas oportunidades no mercado internacional”.

### Pressão

Na avaliação da ATP, o avanço das importações e a redução de valor de commodities – como soja (-16,5%), combustíveis minerais (-4,07%) e minérios (-3,06%) – pressionaram a balança comercial em 2024, embora alguns produtos tenham tido destaque no cenário externo.

### IC-Br

Devido à alta de 6,74% do Índice de Commodities do Banco Central (IC-Br) em reais, em dezembro, ante novembro, o indicador subiu +39,19% em 2024. Segundo o BC, esse desempenho positivo foi ‘puxado’ pela agropecuária, que subiu 8,32% e os metais, +3,67%.

### Agro sobe

No acumulado de 2024, os preços em reais das commodities agropecuárias subiram 41,40%; os de metais, 44,40%; e os de energia, 24,15%. Quando medido em dólares, o IC-Br total subiu 11,72%, com altas de 13,49% na agricultura e de 15,89% no de metais.

# Produção industrial registra queda de 0,6% em novembro

Segunda queda seguida, todavia, não evitou alta anual de 1,7% do setor

Por Marcello Sigwalt

Pelo segundo mês seguido, a produção industrial voltou a cair, desta vez, de -0,6% em novembro, para o mês anterior, quando já havia recuado 0,2%, acumulando uma perda de 0,8% no biênio. Ante novembro de 2023, porém, o setor apresenta crescimento de 1,7%, consolidando o sexto mês seguido de expansão. No ano, a elevação chega a 3,2% e a 3%, nos últimos 12 meses. Em decorrência desses dados, a atividade situa-se 1,8% acima do patamar pré-pandêmico (fevereiro de 2020), mas é 15,1% inferior ao recorde alcançado em maio de 2011, informou, nessa quarta-feira (8), o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

No comparativo mensal, em novembro último, tiveram maior influência negativa no resultado setorial, atividades, como: veículos automotores, reboques e carrocerias (-11,5%), e coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-3,5%).



Wilson Dias - Agência Brasil

Apesar de revés em novembro, setor se mantém positivo, no comparativo anual

Na avaliação do gerente da PIM Brasil, André Macedo, gerente da PIM Brasil, a queda neste mês decorre, não só de uma base comparação mais elevada (em função dos dois resultados positivos anteriores, período em que acumulou expansão de 12,7%), assim como pela perda disseminada dentro do setor, que alcança os prin-

cipais produtos (automóveis, caminhões e autopeças). “Destaco que essa atividade, mesmo assinalando redução de 11,5% neste mês, ainda está 14,2% acima do patamar que havia terminado o ano de 2023”, acrescentou Macedo.

Diferentemente do observado no mês anterior, o índice de novembro atesta predomi-

nio de taxas negativas, alcançando as quatro grandes categorias econômicas e 19 dos 25 ramos industriais pesquisados. A variação negativa coube aos bens semi e não duráveis (-2,8%). “Esse segmento foi pressionado pelos recuos nos itens álcool etílico e em itens dos setores de alimentos e bebidas”, observou Macedo.

## Dezembro teve a maior saída de dólares

A instabilidade econômica do país – favorecendo a disparada da cotação do dólar, próxima a R\$ 6,20 – culminou com a maior saída mensal da moeda ianque da história, em dezembro último, que totalizou US\$ 26,41 bilhões (fuga de US\$ 28,861 bilhões, via conta financeira, ante ingresso de apenas US\$ 2,45 bilhões, via conta comercial), divulgou, nessa quarta-feira (8), o Banco Central (BC).

Na série histórica do BC, iniciada em 1982, a maior saída líquida mensal de dólares havia ocorrido em setembro de 1998 (início da crise da Rússia), quando US\$ 18,919 bilhões haviam deixado o país.

No que toca ao saldo de 2024, o fluxo cambial fechou o ano passado com saldo negativo de US\$ 18,014 bilhões. Nesse quesito, essa foi a terceira maior saída líquida desde 1982, só menor que em

2019, quando a perda para o país foi de US\$ 44,768 bilhões, e para 2020, primeiro ano da pandemia de covid-19, mediante um fluxo negativo em US\$ 27,923 bilhões.

No total, saíram do país no ano passado cerca de US\$ 87,214 bilhões, via conta financeira. Na conta comercial, houve ingresso de US\$ 69,2 bilhões. Tanto os montantes de entrada quanto de saída registraram recordes. Normalmente,

o fluxo comercial é positivo, devido ao superávit da balança comercial.

No período compreendido entre 30 de dezembro e 3 de janeiro, o fluxo cambial foi negativo em US\$ 5,602 bilhões.

O fluxo cambial é formado pelo fluxo comercial (câmbio para exportações e importações), e o fluxo financeiro (investimentos em empresas, empréstimos e transações no mercado financeiro).

## Agro exporta US\$ 164,37 bi em 2024

As exportações brasileiras de produtos do agronegócio geraram no ano passado US\$ 164,37 bilhões, US\$ 2,18 bilhões, ou 1,3%, menos que em 2023, informou o Ministério da Agricultura. Apesar da queda, é o segundo maior valor da série histórica, de acordo com o ministério, “mesmo diante da retração dos preços de algumas das principais commodities”. As exportações do agro corresponderam a 48,8% do comercializado pelo Brasil em 2024, segundo a pasta, estável em relação ao ano anterior, de 49%.

Na avaliação da Secretaria de Comércio e Relações Internacionais, do Ministério da Agricultura, o desempenho das exportações agropecuárias brasileiras no ano passado foi influenciado pela queda no índice de preço dos produtos exportados, de 4,6%.

“O setor manteve seu protagonismo ao responder por



Reprodução site comprerural

Recuo de commodities não evitou 2º maior valor da história

metade das exportações totais do País, trazendo resultados concretos do empenho do Governo e do setor privado para uma maior inserção internacional, por meio da diversificação de produtos e destinos”, disse o secretário de Comércio e Relações Internacionais, Luís Rua.

A redução nas vendas do complexo soja e de cereais, consequência da menor safra brasileira e dos preços internacionais achatados, foi compensada pelas exportações de carnes (+11,4%), complexo sucroalcooleiro (+13,3%), produtos florestais (+21,2%)

e café (+52,6%).

As exportações de celulose, suco de laranja, óleo essencial de laranja foram recordes em receita, enquanto as vendas externas de farelo de soja, carne bovina in natura e miúdos de carne bovina alcançaram o maior volume exportado da série histórica. “Entre os produtos menos tradicionais da pauta exportadora, destacam-se limões e limas, chocolate e preparações alimentícias de cacau, alimentos para cães e gatos, gengibre, pasta de cacau e cebolas”, observou a pasta.

Em valor exportado, os principais setores foram complexo soja, com US\$ 53,9 bilhões, respondendo por 32,8% do total exportado, carnes (com US\$ 26,2 bilhões, 15,9% do total), complexo sucroalcooleiro (com US\$ 19,7 bilhões, 12%), produtos florestais (US\$ 17,3 bilhões, 10,5%), café (US\$ 12,3 bilhões, 7,5%).

## ‘Tarifaço’ Trump derruba bolsa: -1,27%

A cautela externa reforçada nessa quarta-feira (8), pela possibilidade de um ‘tarifaço’ geral na largada do governo Trump, de volta no dia 20, manteve os ativos brasileiros na defensiva, levando o Ibovespa a retroceder aos 119 mil pontos e a colher a 3ª perda em cinco sessões neste começo de ano. Hoje, o índice da B3 oscilou dos 119.351,34 aos 121.160,25 pontos, e encerrou em queda de 1,27%, aos 119.624,51, com giro a R\$ 19,4

bilhões. Na semana, o Ibovespa ainda sustenta ganho de 1,16%, mas volta ao negativo no mês, em baixa de 0,55%.

O dia foi de perdas bem distribuídas pelas ações de maior peso e liquidez, como Vale (ON -0,96%), Petrobras (ON -0,95%, PN -0,81%) e as de grandes bancos, como Itaú (PN -1,62%) e Bradesco (ON -1,89%, PN -1,55%). Na ponta perdedora do Ibovespa, Carrefour (-12,20%), CSN (-7,18%)

e Magazine Luiza (-6,52%). No lado oposto, Pão de Açúcar (+1,06%), São Martinho (+0,93%) e Marfrig (+0,89%). Apenas nove das 87 ações que compõem a carteira teórica do Ibovespa subiram na sessão.

Em ruidosa maré que antecipa a segunda posse na Casa Branca, o presidente eleito Donald Trump tem movimentado o noticiário em base diária com promessas de ane-

lândia, retomada do Canal do Panamá – administrado pelos americanos até 1999 – e a intenção de asfixiar os vizinhos do norte (Canadá) e do sul (México) com um tornequete tarifário para forçá-los a conter a entrada de imigrantes e de fluxos ilegais, como também a adoção de uma “emergência econômica nacional”, para a implementação de sobretaxas “universais”, segundo apurou a rede americana CNN.